



## Rainhas(S)

### Duas atrizes em busca de um coração. [Atos I, II, III, IV e V]

(Versão XIX revista em 19 de fevereiro de 2009).

Uma livre recriação sobre o texto *Mary Stuart* de Friedrich Schiller.

Peça em Arena-Labirinto para duas atrizes,  
um pianista e uma súdita-assistente.

dramaturgia:

Isabel Teixeira

Georgette Fadel

Cibele Forjaz

### Prólogo

#### PRIMEIRO SINAL

*Público entra. As duas atrizes chegam atrasadas no teatro, à paisana.*

#### Primeiro Movimento. Camarinhas.

Atriz 1 / Elizabeth I – Georgette Fadel.

Atriz 2 / Maria Stuart – Isabel Teixeira.

Atriz 2 (Isabel) – Em primeiro lugar, boa noite. Nós gostaríamos de pedir desculpas pelo atraso. Do fundo do coração.

Atriz 1 (Georgette) – Isso nunca aconteceu antes. Quem conhece a gente e mesmo quem não conhece sabe que nunca...

Atriz 2 – Aconteceu um imprevisto.

Atriz 1 – Vocês nem imaginam o que aconteceu...

Atriz 2 – Nem vem ao caso explicar. O que é importante dizer é que quando essa peça come-

ça e vocês, ou seja, o público, entra, nós já estamos vestidas...

Atriz 1 – É, nós já estamos montadas de rainhas, cada uma no seu trono. Com maquiagem, com tudo...

Atriz 2 – Mas não tem problema, não vai mudar muita coisa.

Atriz 1 – Vai ser até melhor, vocês só dêem um tempinho pra gente se arrumar, uns três minutos...

Atriz 2 – Três minutos para ela e cinco para mim. *Aos poucos tiram a roupa "civil" e vestem a roupa-base do figurino. Começam a organizar a contraregragem. Num determinado momento, vão falar algum segredo sobre o final da peça para o pianista. Quando terminam, retornam para a camarinha da atriz 2. Durante toda essa cena elas estarão sempre fazendo alguma coisa.*

Atriz 1 (indo pegar alguns grampos da mesinha da atriz 2) – Me empresta uns grampos?

Atriz 2 – Não.

Atriz 1 – Nossa, me empresta dois grampos!

Atriz 2 (*impedindo que a atriz 1 toque na caixa de grampos*) – Já falei que não, não mexe nas minhas coisas.

Atriz 1 – Não acredito. Você está falando sério? Dois grampos?

Atriz 2 – Já falei não.

Atriz 1 – Mas você tem duas caixas aqui!

Atriz 2 – Eu vou usar todos esses grampos. (*Silêncio.*) O mundo é cão mesmo.

Atriz 1 – Por que é que na sua camarinha tem mais coisas do que na minha? Você tem três maçãs... (*Para a súdita-assistente:*) Elisete, por que ela tem esses privilégios todos aqui? (*Atriz 1 começa a voltar para sua própria camarinha.*) Lis, você tem dois grampos aí?

*Silêncio. Pausa.*

Atriz 1 – Bel, você está ficando linda grisalha...

*Silêncio. Atriz 2 meio constrangida meio brava. Pausa.*

Atriz 2 – Você está falando isso porque eu não te emprestei dois grampos, eu sei...

Atriz 1 – Não, não é isso não... Você acha que eu sou assim, vingativa? Estou falando porque eu acho bonito mesmo. Olha em volta, quanta gente linda, quanta gente grisalha, careca...

Atriz 2 (*indo com os grampos para camarinha da atriz 1*) – Toma, eu vou te emprestar, na frente de todo mundo, três grampos que você vai me devolver depois da peça. Elisete, você está de prova, três grampos. Use com saúde. Eu te conheço. Você vai ficar me cutucando até o fim da noite hoje, só por causa de dois grampos.

Atriz 1 – Não é nada disso, que besteira, eu seria incapaz... Eu só falei isso porque eu me lembrei daquela história da Maria Stuart, lembra? Dizem que quando ela soube da notícia de que ela iria morrer ela imediatamente ficou com todos os cabelos brancos.

Atriz 2 – É científico: o coração leva um choque, manda uma mensagem para o cérebro e o cérebro solta uma anilina branca e os cabelos ficam brancos na hora. Aconteceu com a minha avó. Minha avó percebeu que tinha alguma coisa errada no banheiro. Ela bateu na por-

ta e ninguém abriu, bateu de novo e ninguém abriu. Aí com um ombro ela derrubou a porta, sozinha. Quando ela entrou, ela viu no box do banheiro meu tio, filho dela, morto, enforcado com a gravata do meu avô. Ela viu aquilo e tirou ele dali, imagine se meu avô visse aquilo, com a gravata dele. Ela tirou ele de lá, arrastou ele até a cama do quarto e arrumou ele ali deitadinho. No caminho do box até a cama o cabelo dela ficou todo branco.

*Silêncio.*

Atriz 2 – Peguei pesado? Pesou?

Atriz 1 – Não, não pesou não, imagine. Vamos manter esse clima. É sobre isso que a gente está falando mesmo, sobre morte. Essa peça... Essa Maria Stuart... Vinte anos enclausurada! Uma mulher que nasceu rainha, que nunca soube ser outra coisa... Essa mulher é um mistério.

Atriz 2– (*Olhando-se num espelho de mão*) Dizem que ela era linda e, além do mais, tinha um encanto irresistível. Eu tô pensando em fazer uma plástica daqui uns cinco anos.

Atriz 1 – No nariz? (*Pausa longa.*) Para dar uma ajeitadinha, não é? Ele é meio... Quer dizer, achatadinho... (*Pausa.*)

Atriz 2 – Não. É no meu peito que a coisa está ficando feia.

Atriz 1 – Você comprou o coração?

(*Música. A partir daqui a Atriz 2 começa a procurar o anel de coração, discretamente. Subtexto para as atrizes: "Coração? Perdi o coração?"*)

Atriz 1 – O fatal Bothwell. Eu não posso esquecer-me disso. Era Bothwell o nome dele, não era? Atriz 2 – O fatal Bothwell. Foram três maridos, três! Essa Maria teve três maridos. Aquele que morreu jovem, coitado, doente, o Phillippe II...

Atriz 1 – Não, Felipe não. É Francisco.

Atriz 2 – *Oui, c'est ça.* François II, rei da França, coitadinho, era fraquinho. Morreu. Enterraram ele e a coroa dela, porque depois disso ela foi expulsa do trono da França. Aí ela voltou para a terra natal para ser Rainha da Escócia. Na Escócia veio aquele desvairado do segundo marido. Darnley.

Atriz 1 – Darnley. Ah, isso... Depois do Darnley é que veio o fatal Bothwell, esse nome



a gente não pode esquecer. Fatal Bothwell. Ela e o fatal Bothwell mandaram matar o Darnley. Essa foi a falha trágica dela. Pelo menos é o que dizem.

Atriz 2 – Não, foi falha mesmo. Porque depois disso o povo da Escócia saiu correndo atrás dela enlouquecido. Ela teve que fugir. Cruzou a fronteira pedindo ajuda pra prima...

Atriz 1 – ... Elizabeth I, Rainha da Inglaterra. Quer ver o que a prima fez com ela? Tá aqui no texto. *(Pega o texto original do Schiller e procura.)* Eu selecionei esse trecho para uma outra ocasião, mas... Achei, eu vou ler: “A infeliz, Maria Stuart, desde o dia em que primeiro este solo pisou, onde buscava, suplicante exilada, o amparo de sua prima Elizabeth, viu-se, de repente, não obstante a realeza, posta em prisão, chorando os belos anos da inútil juventude.” É lindo isso: a “inútil juventude”.

Atriz 2 – Você sabia que, na vida real, a Elizabeth e a Maria Stuart nunca se viram cara a cara, nunca se encontraram?

Atriz 1 – Eu acho que a Rainha Elizabeth nunca quis ficar cara a cara com a inimiga com medo de cair de amores e cometer loucuras que pusessem em risco a Inglaterra e a sua própria cabeça. Sei lá, era um tempo de feitiçaria... Você acha que eu estou sendo ingênua?

Atriz 2 – Ah... Cotada da Elizabeth, não é? Até parece! Coitada da Maria Stuart! Ela perdeu a coroa da França, perdeu a coroa da Escócia e no final ela vai perder a cabeça dela na Inglaterra. *(Aponta para o centro da arena)*

Atriz 1 – Mas também, quem manda uma rainha ficar dando o coração assim, a torto e a direito como se fosse uma qualquer?

Atriz 2 – Vem cá, você não vai passar nem um lapizinho vermelho aí nesse teu rosto? Não vai dar um *up* nesse teu rosto? Um *blush*, talvez? Ninguém merece essa palidez. *(Toca um telefone.)* Não, por favor, telefone celular e teatro não combinam. Alguém se esqueceu de...

Atriz 1 – Espera só um minutinho?

Atriz 1 – *(Atende o seu telefone celular (que estava tocando) e começa a falar, tentando ser discreta.)*

Atriz 2 – Não acredito que era o seu celular. Senhores, por favor, desculpem. E desliguem os celulares.

Atriz 1 *(Falando no telefone.)* – Oi. Não, meu senhor, eu já paguei essa conta há muito tempo. Tenho certeza, eu tenho o cupom, o recibo, caído em algum lugar da minha casa. Pelo amor de Deus, eu não posso pensar nisso agora, dentro de poucos minutos eu vou ser uma rainha, eu não posso pensar em dívida agora. Vê se entende e resolve isso você!! *(Desliga.)* Eu queria ser uma rainha pra ter cinquenta secretárias, isso sim.

Atriz 2 – Tem muita coisa que eu não posso esquecer, tanta coisa para contrarregistrar... *(Folheia o texto da peça procurando alguma coisa.)*

Atriz 1 – Quem é essa mulher? Um poço de pecados.

Atriz 2 – Rainha de Escócia. Rainha da França. *(Começa a ler trechos do texto, como se estivesse “passando” alguma cena.)* “Ela tem direito a seus segredos. Ela tem direito a jóias.” *(Pega uma caixa de jóias em formato de coração e continua a ler trechos do texto.)* “É a última jóia que ainda a embeleza, e cuja vista consola a pobre do esplendor extinto, pois tudo o mais lhe foi arrebatado.” *(Abre a caixa de jóias para pegar o anel. Não encontra.)*

Atriz 1 – Cadê o coração?

Atriz 2 – Tiraram tudo. *(Para alguém do público.)* Você mexeu aqui?

Atriz 1 – *(Como se estivesse “passando” um trecho do texto.)* “Todo o cuidado é pouco, nas mãos dela tudo é perigo.”

Atriz 2 – *(Ainda lendo o texto.)* “Quem, pondo o olhar nas paredes nuas dessa torre, dirá que vive aqui uma rainha? Seus delicados pés afeitos às suaves alcatifas pisam agora em duro chão.” Você sabe o que é alcatifa?

Atriz 1 – Sei, tapetinho...

Atriz 2 – Tapetinho... “Até os pequenos serviços de um espelho lhe recusam.”

Atriz 1 – “Enquanto a sua imagem ela puder rever, não cessará de esperar e de ousar.”

Atriz 2 – “Ó Suave coração, eu conheço tão bem esse coração...”

Atriz 1 – O coração?

Atriz 2 – *(Pega um livro onde um retrato de Maria Stuart está estampado na capa.)* É uma lady essa mulher. Importante isso. A gente está tratando com o devido respeito o fato delas serem rainhas?

Atriz 1 – O coração, cadê?

Atriz 2 – Eu comprei o coração no açougue...

Atriz 1 – Cadê o coração?

Atriz 2 – Eu tenho certeza que eu comprei o coração no açougue.

Atriz 1 – Cadê o coração?

Atriz 2 – *(Procura.)* Acho que eu perdi, coração.

Atriz 1 – Não, como perdeu? Como é que pode perder o coração? Você não trouxe o coração?

Atriz 2 – Eu tinha tazido... Estava num saco. Num saco, espremido, o coração.

Atriz 1 – A gente precisa do coração. É a chave da peça. Meu coração...

Atriz 2 – Eu não, eu não... eu comprei, eu lembro que eu comprei esse coração em algum lugar, mas...

Atriz 1 – Cadê meu coração? Vem, vem, meu coração. Vem, meu coração...

## SEGUNDO SINAL

### Segundo Movimento. Atriz evoca Maria.

Atriz 2 – Segundo sinal. *(Quase como um desejo.)* Baixa a luz geral. Pode ser lentamente. Foco... *(Pausa.)* ... nas camarinhas das atrizes.

Atriz 1 – Vem. Vem. Vem. Vem meu coração. Vem, vem, vem. Eu estou despojada. Eu estou completamente relaxada. Eu sou uma atriz. Eu tenho 34 anos e estou completamente aberta. Vem, vem. É pra você que eu falo, sombra da minha alma. É pra você que eu falo, perdido amor. *(Citando o poema de Hilda Hilst)* “Quisera dar nome, muitos, a isso de mim.” Vem. Vem. “Porque a ânsia tem parecimento com esse desmesurado de mim que te procura. Mas também não é isso este meu neblinar contínuo que te busca.” Vem vem vem. “Ando em grandes vaguezas, açoiando os ares, relinchando sombras, carreando o nada.” Vem. Vem. Vem. “Como se eu mesma flu-

tuasse, cativa, ofêlica, sobre a tua Grande Face.”

Vem. Só estou tendo que falar um pouco mais alto do que eu falaria, para isso poder ser público. Mas nada mais me importa a não ser te encontrar, meu coração, pedaço apartado de mim, pedaço insensível de mim. Maria. *(Maria – que estava virada de costas, sentada no trono de sua camarinha – se vira para ela e depois volta a ficar de costas, incomodada pela luz forte de um refletor.)* Estou seduzida por ti. Perdida de amor. Eu sou uma atriz apaixonada por uma personagem. São Filós, Estelas, Joanas, Martas, Carneiros, escravas, Anas, Genésios, Julies, Cristininhas, arautos, velhas, reis dourados. E agora o meu corpo chegou. Vem. Maria? *(Maria se vira e mostra um vestido vermebo. Em seguida começa a vestir o vestido.)* Eu também sou assassina. Eu também sei ser santa como tu és. Mulher como tu és. Eu, a que tudo contém, a santa, a puta e tudo o que há entre as duas. E é no movimento entre um ponto e outro que eu entendo que a vida existe. Maria. *(Maria se levanta, já vestida com o vestido vermelho)* Eu sou muito só. O coração é um músculo tão irrigado. Eu sou um rio. *(Maria faz que vai embora.)* Fica! Fica, se te interessa. Isso é o que a gente chama Arena. *(Maria sai de cena.)* Através dos pomares, através dos jardins. Fica, se te interessa. Por entre as mil roupas que eu visto, debaixo de tudo, meu verdadeiro e desconhecido rosto. *(Maria volta e começa a se aproximar da arena. Atriz 1 com as “Elegias” de Rilke nas mãos.)* “Aqui, quem, se seu gritasse, entre as legiões de Anjos me ouviria? E mesmo que um deles me tomasse inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia sua existência demasiado forte. Pois o que é o Belo senão o grau do Terrível que ainda suportamos e que admiramos porque, impassível, desdenha destruir-nos? *(Maria pisa na arena e vai até o meio do labirinto.)* Todo anjo é terrível...”

## TERCEIRO SINAL

Atriz 1 toca os três sinais com o trompete. Atriz 2 já está no centro da arena vestida de Maria.



## Ato I Cena 1

**Primeiro Movimento. Eu sou Maria.**

**O rito do coração.**

*Maria no centro da arena. Piano e trompete acompanham a cena.*

Maria – Eu sou Maria. Maria presa nessa torre por quase vinte anos. As aflições desse longo cativo vão me matando aos poucos, dia a dia, passando por um conta gotas os meus dias contados. Nenhuma notícia ultrapassa essas paredes. E enquanto isso, lá fora, o destino passeia nas mãos dos meus inimigos. Faz um mês, longo, penoso mês, que se instaurou o tribunal. E assim, de repente, me vi desprevinida, sem a assistência de um advogado, diante de um injusto tribunal de justiça. O machado pende sobre a minha cabeça. Não sei se fui ou não condenada. Sou uma quase moribunda de coração pesado, carregado de incertezas. Meus órgãos eram de um jeito, do jeito clássico: coração do lado esquerdo, rins abaixo das costelas, fígado do lado direito, língua dentro da boca, olhos nas órbitas... *(Começa a tirar do peito o próprio coração: uma bexiga vermelha com sangue, pulsando.)* Mas desde que você, Elizabeth, agarrou meu coração de passarinho com tua mão esquerda e ele foi inchando dentro da tua palma, pulsando desmedido, involuntário, gordo de veias e molhado, desde que minha cabeça dorme pendurada na tua, meus órgãos começaram a se deslocar dentro do corpo. Então eu vivo essa bagunça, essa bagunça de órgãos deslocados, esse barulho de carne se arrastando entre líquidos, veias e espaços impossíveis entre os ossos. Por isso essa anarquia que se instalou aqui dentro. E isso é a mais vertiginosa verdade de mim. *Com um garfo explode o coração. (Música instrumental: "Piano Pistols", de Lincoln Antonio.)* Dentro do coração tem um anel, que Maria veste no próprio dedo. *Imediatamente aparece um fantasma no meio das roupas penduradas da arara, na camarinha da Atriz 1. Esta cena reflete o delírio da culpa, representada pela sombra do fantasma do marido assassinado.*

**Segundo Movimento. Julgamento íntimo da personagem: A Culpa Sanguinosa ou a Aparição do Fantasma do Rei Darnley.**

Maria – *(apavorada)* Quem é você? Fala!

*(Fantasma faz um gesto.)*

Maria – Fala!

Fantasma – *(Fantasma faz o mesmo gesto)* Eu sou a lembrança dos erros da tua mocidade.

Maria – Eu te reconheço. Você é a sombra ensanguentada do meu marido, o rei Darnley, que, irritada, se levanta da tumba, e nunca vai deixar em paz meu coração, até transbordar a medida dos meus infortúnios.

Fantasma – É a culpa sanguinosa, que agora te rasga a alma, gela o teu sangue, faz os teus dois olhos, como se fossem estrelas, saltarem das órbitas... Você me matou!

Maria – Não matei. Outros mataram.

Fantasma – Você sabia de tudo e me atraiu para a fatal cilada.

Maria – Desculpa. Eu não me pertencia. A loucura do amor, cego amor, me sujeitou ao sedutor temível, o fatal Bothwell. A força viril daquele homem foi minha fraqueza. Desculpa!

Fantasma – E agora o crime com sangue há de vingar-se. Adeus, adeus, lembra de mim! Lembra de mim! *(Sai a sombra do fantasma, silêncio)*

Maria – Existem maus espíritos que se instalam por momentos em nosso coração, devastam-no, e ao fugirem, só nos fica o terror no peito maculado. Eu estou frágil. Eu não estou num dos meus melhores momentos. Alguma coisa no plano da minha vida deu errado, entendeu? Deu bem errado. *(Maria canta "Errei sim", de Lincoln Antonio e Isabel Teixeira.)*

Errei, sim.

Na pele, na carne, no sangue, nas veias.

Errei, sim.

A mão que diz mata,

A boca que manda.

Errei sim,

Ardendo, ardendo, em chamas

Bombando o coração.

Errei...

São loucuras de amor.

Sou criança, por favor.

Depressa, é tarde. Depressa, é tarde.  
 Antes que meu nome entre em cartaz em alguma  
 campa da cidade.  
 Meus senhores por favor.  
 Quem aqui nunca pecou?  
 Farei comigo as pazes,  
 Depressa sairei.  
 Eu não me pertencia.  
 Eu, o sol, errante, vermelho.  
 O sol.  
 Errei.  
 Errei, sim.

*(Fim da canção.)*

## Cena 2

**Primeiro Movimento. “All About Eve”.**

*Quando a canção “Errei sim” termina, Maria retorna a sua camarinha e começa a se “demaquilar”. Percebe a presença da Atriz apaixonada (Atriz / Elizabeth I). Reação – Pausa.*

Maria – Quem é você?

Atriz apaixonada – *(baixo)* Eu sou uma atriz apaixonada.

Maria – Mais alto. Não dá para ouvir nada.

Atriz apaixonada – *(confusa, buscando palavras)* Não sou nada, a não ser alguém que te viu. Traço boas más novas. Você quer me ouvir?

*Silêncio.*

Atriz apaixonada – *(Ainda confusa)* Eu quis tanto chegar até você, eu quis tanto. Eu vim ralhando meu coração até aqui. Desde que eu comecei a violar as portas dos armários embutidos, os delírios em vestidos de cetim, as maquiagens roubadas...

Maria – Não dá para entender nada, menina.

Atriz apaixonada – Se eu soubesse como começar...

Maria – Do começo.

Atriz apaixonada – E eu estudei para chegar até aqui. Eu estudei muito. Fiz duas escolas. E eu te via passando pelos corredores... Você... Em vestidos de época passando em frente ao meu

olhar nulo num canto escuro de coxia. Pela fresta da porta da tua camarinha, eu te gravava na minha retina, cada gesto, cada som da tua boca. Eu ouvi a tua voz, tanto, tantas vezes... que ela ficou em mim. Eu já operei canhão pra você. É bom quando alguém faz a gente se sentir vivo. É bom. Eu tenho fé no poder das artes. Unir almas alegres a almas alegres. Esse poder de viver e de morrer. Eu acho que isso tinha que ser escrito. E ele escreveu. *(Mostra o texto de Schiller.)* Ele, o autor, o iluminado! Escreveu. A peça tem teu nome.

Maria – Maria.

Atriz apaixonada – Maria Stuart. Se eu tiver uma filha, ela vai se chamar Maria. E eu vou me emocionar com ela.

**Segundo Movimento. Condenação.**

Atriz apaixonada – A fábula é simples. A gente é que complica. *(Conduz Maria até a camarinha da Atriz 1. Prende Maria atrás da arara, na camarinha.)* Maria Stuart foi presa pela prima Elizabeth *(Pega na arara o vestido de Elizabeth e mostra para a platéia)*. Porque só havia uma coroa para duas cabeças. Há que se entender. Num mundo masculino. Há que se compreender. Ele escreveu isso. Eu estudei o texto. Estudei a história, sua árvore genealógica. Me convenci que só você pode reinar na Inglaterra e não esse arremedo de rainha, engendrada no adultério do próprio rei, seu pai, repudiada como filha bastarda. Este reino, onde, sem culpa, você definha cativa, de direito te pertence, Rainha! Agora você fala aquela frase: “Oh, esse fatal direito! Única fonte de todos os meus males!”

Maria – Oh, esse fatal direito! Única fonte de todos os meus males!

Atriz apaixonada – O que estou tentando te dizer é que ele te condenou, ele...

Maria – Do que você está falando?

Atriz apaixonada – Dele, do iluminado. Leia você mesma.

*(Mostra o livro da peça “Mary Stuart”, que Maria abre e lê.)*



Maria e Atriz apaixonada – *(Cantam a canção “Condenada”, de Lincoln Antonio.)*

Condenada!

Quarenta e dois juízes declaram.

Condenada!

A câmara dos Lords e a dos Comuns.

A cidade de Londres...

Insiste vivamente pela pronta execução.

Só a rainha hesita...

Entre a clemência e a astúcia.

*(Fim da canção.)*

Atriz apaixonada – Eu li a peça até o fim. Porque é Ela, a Rainha, quem te mata no final, entendeu? Eles vão cortar a sua cabeça com um machado. O machado vai entrar uma vez e a cabeça não vai rolar. O público nesse momento vai ouvir um som miúdo, de uma fatia do cérebro caindo dura no chão. E o machado vai entrar outra vez e a cabeça vai rolar. E o sangue vai jorrar. Sim, a história errou, mas ele, o iluminado, teve toda a liberdade para mudar isso tudo, e ele não mudou: achou que seria mais trágico te matar!

**Mudando o curso da história.**

Atriz apaixonada – Mas nada é por acaso. Porque o destino escolheu o meu braço para te salvar. De edital em edital, eu lutei por você. Foram horas e horas na frente do computador aprendendo a fazer planilhas. Eu consegui! Eu cheguei até essa arena! Eu trouxe um exército! Eu vou arrancar as últimas páginas do original e ninguém vai poder dizer que esse original existiu, entendeu? Nós vamos, juntas, reescrever o final da peça com o sangue do nosso coração ralado. É a subversão do texto clássico! E toda noite, toda a noite você vai ser coroada, nesse teatro, rainha da França, rainha da Escócia, rainha da Inglaterra! É um triângulo de coroas sobre a tua cabeça! E sabe o que vai acontecer? The Queen! The Beatles!

Maria – Eu sou a Rainha Maria. Olha a minha coroa! *(Se coroa com um cabide sobre a cabeça.)*

### Cena 3

**Primeiro movimento. Montagem do julgamento público.**

Atriz apaixonada – O tempo corre. *(Vai para um canto e pega o material para fazer sangue: Karo, groselha e pote. Enquanto fala, prepara lentamente o sangue, que mistura com as mãos. No final, exhibe as mãos ensangüentadas.)* Primeiro eu gostaria de te pedir desculpas. Desculpa, meu coração. Para enganar o mundo, tome para si a aparência do mundo. A salvaguarda está na ambigüidade. Eu parecerei uma flor inocente, mas serei a serpente que por trás da flor se esconde. Eu te enquadreí. Tudo é composição, desde o começo. Agora você é uma cabeça à prêmio, pendurada. Enquadrada para ouvir a sentença que eu mesma vim trazer. Eu vou agora, cirurgicamente, como um médico experiente que desloca as menores veias para retirar um tumor da cavidade do útero, eu vou montar a cena para você. *(Com as mãos ensangüentadas leva Maria para o meio da arena. Música instrumental: “Contact Tango”, de Lincoln Antonio. Atriz dança o tango com Maria que progressivamente vai ganhando o peso de um cadáver. Leva Maria até o chão.)* E agora eu vou fazer você brilhar. Eu vou derramar na tua boca a cena mais linda dessa peça. *(Pisa na cabeça de Maria-Justiça.)*

**Segundo movimento.**

**O Julgamento do julgamento.**

Maria Justiça – *(Com a cabeça sob o pé da atriz.)* De modo algum me submeti a esse injusto tribunal de justiça. Eu não sou nenhuma súdita deste reino, eu sou a rainha de um país estrangeiro. A lei que me aniquila agora foi redigida e inventada especialmente para mim. Não me deram o direito de encarar meus acusadores. Deformaram a cara da justiça para que ela possa desferir golpes mortais contra a minha pessoa. Mas nenhuma sentença de tribunal poderá me atingir. Meu sol briha mais alto. Só os reis são meus iguais. *(Mostra a carta.)* Elizabeth é do meu sangue e sexo e condição. Só a ela me abri-

rei, à irmã, à rainha, à mulher. Peço um grande favor nessa carta: me encontrar com você, em quem jamais os olhos pus. (*Deitada no centro com a carta na mão estendida para Elizabeth.*) Eu sou a fraca; você, a forte. Pois bem, (*Cantam a canção "Audácia", de Lincoln Antonio:*)

Use a violência,  
Sacrifique-me à sua segurança,  
Mate-me!  
Mas confesse que tal ato  
Será não de justiça, mas de força!  
Entre mim e a Inglaterra se trata de força...  
Não peça à lei que lhe empreste a espada  
Para acabar com a inimiga que odeia!  
Não disfarce em veste sagrada a sanguinária  
prepotência!  
Não burle o mundo com tamanha farsa!  
Matar-me ela pode, mas nunca julgar-me!  
Tenha a audácia de parecer o que é – no fundo  
d'alma.

(*Fim da Canção. Atriz Elizabeth pega a carta.*)

Atriz apaixonada – Um encontro.

(*Depois de um instante, deixa a carta no centro da arena.*)

Atriz apaixonada- Perdão, meu coração.

**Fim do Ato**

## Ato II Prólogo

*Atrizes voltam para suas camarinhas. Luz geral vai baixando. Foco no camarinha da Atriz 2.*

Atriz 2 – (*Enquanto fala, começa a prender grampos na cabeça, como se estivesse terminando de arrumar o cabelo.*) Sabe, hoje me contaram uma piada, mas uma piada tão engraçada, que eu quase explodi de tanto rir, meu Deus do Céu. Uma piada de um humor tão refinado, uma ironia sutil, uma coisa impressionante. Era assim: Uma mulher bomba. Ela entrou no supermercado e explodiu. Agora não precisa dizer que era uma mulher bomba porque isso é completamente redundante, não é? É só dizer: uma mulher entrou no supermercado e explodiu. Mulher é bomba, está implícito. Todas são. Não é

boa a piada? Sutil? Eu rolei de rir. Literalmente rolei pelo chão, fui rolando até o jardim da casa, rolei de rir até a terra molhada (tinha chovido naquele domingo depois de dois meses nessa cidade poluída e sem chuva) eu rolei na lama do canteiro arrumado, rolei e as unhas que eu tinha feito na terça feira passada para nunca mais roer, nunca mais, foram sendo fincadas na terra molhada até os braços arderem de tão pra dentro da terra, da terra molhada, e os cabelos emaranhados já, medusados, molhados também, roídos pela terra do jardim arrumado e a cara no chão, no solo, na terra e eu gritei, gritei com todas as minhas forças de tanto que eu ri, o riso virou aquele grito, o grito dentro da terra, o grito da mulher explodida, com terra no meio dos dentes, com terra dilatando as pupilas na noite do centro da terra e eu ia em viagem contínua, a cabeça nascendo pra dentro da mãe, essa mãe terra acolhendo bocas e gritos meus, a mulher explodida e órfã de mãe. Aí me veio um pensamento na cabeça, um pensamento como num cineminha dentro da minha cabeça, minha imaginação de adolescente que se imagina famosa e me perguntam no programa matinal para mulheres: "É o que você acha da condição feminina hoje em dia? A mulher, na sua opinião, vai dominar o mundo?" Não. Eu respondi: não. Não, não vai. A energia do mundo vai ser feminina. Porque a energia feminina é aquela que consegue tomar o café da manhã lendo o jornal enquanto ao mesmo tempo aqui e agora dá um telefonema importante amarrando o sapato de um filho e batendo a gemada do outro. Depois achei boba a entrevista e vi no cinema da minha imaginação de adolescente que quer ser famosa os créditos do programa matinal subindo como fumaça de fogueira indígena na tela da minha tv em preto e branco da cozinha (que eu uso para ver tv domingo a noite enquanto esquento a lasanha, faço a lista da feira e ponho nome no uniforme do meu filho porque amanhã é segunda) enquanto o meu sorriso sem graça ia desmilinguindo frente à apresentadora oxigenada que conversa com um tucano de pelúcia como se ele fosse... sei lá, os créditos subindo,



meu sorriso descendo e de repente o barulho ensurdecedor da explosão, está implícito, a explosão, a mulher, tudo pelos ares, está implícito, nós somos assim: múltiplas explosões de gozo em horários matinais especialmente reservados para nós, para que possamos copiar nossas receitas no caderno de capa dura engordurada nas manhãs de domingo, numa cidade onde não chove mais, comendo pó, comendo terra molhada no jardim arrumado, explodindo de tanto rir.

### Cena 1

**Primeiro Movimento. Elizabeth. Essa Coleira.**  
*(Rainha Elizabeth Fadel entra em cena vestida com um Parangolé de Sacolas, andando em círculos sem parar. O vestido de Elizabeth está pendurado nesse amontoado de coisas.)*

Elizabeth – Pronto! Cheguei! Entrei bem na hora que era para eu entrar, não foi? Adorei, adorei o que ela estava falando. Era uma piadinha e depois foi ficando sério, não foi? Boa noite, boa noite, como vão vocês? Quem me chamou? Alguém me chamou para um projeto. Boa noite! Eu conheço a senhora. Como eu poderia negar? Eu conheço o senhor também. É um projeto sobre mulheres? É a minha cara, eu aceito. Um projeto sobre homens? Como eu poderia negar? Sobre animais, plantas, crianças, sim, eu digo sim! Eu não posso parar para conversar agora, mas vem comigo, vem comigo, vem falando, vem contando. Eu sempre quis trabalhar com você. Eu sou Elizabeth, rainha da Inglaterra, como é seu nome mesmo? Eu não vou esquecer. Pode me ligar que eu vou. Eu vou mesmo, eu vou me matar, mas eu vou. Eu estou um pouco na correria, mas eu tô ótima, pode me ligar, e se eu não atender, me deixa um recado, ou então me manda um email... Manda um email para elizabethfadel@hotreino.com.br. Assim que eu chegar em casa lá pela meia noite ou uma da manhã, talvez... No máximo no dia seguinte, entre hoje e amanhã, eu com certeza vou pegar o email, com certeza vou conseguir

pegar os recados no celular e te respondo. Porque eu não abro mão de nada. Eu sou Elizabeth I, Rainha da Inglaterra. Vocês todos estão no meu coração, eu adoro todos vocês, meus súditos, eu não abandono nenhum de vocês, viu? Então não me abandonem não, lembrem de mim, liguem pra mim. Eu, Elizabeth I, Rainha da Inglaterra, cheia de responsabilidades... Se eu não atender hoje eu atendo amanhã e tudo que você precisar você pode me falar, que eu resolvo, viu? Porque está tudo anotado na minha agenda... Eu tenho uma agenda bem prática, daquelas que você consegue ver todos os dias da semana numa só página... Quer ver? Só um instantinho que eu já vou mostrar. Eu comprei essa bolsa grande porque agora eu tenho um *laptop*. Eu achei que o *laptop* ia cumprir a função da agenda, mas eu achei um pouco demais abrir mão de todos os papéis, não é? Um pouco de papel a gente sempre tem que ter. Afinal eu sou uma rainha! E o que é uma rainha sem um pouco de papel, não é? *(Súdita assistente está parada na beira da arena com uma pasta vermelha com papéis estendida para Elizabeth I.)* O que é isso? Não, eu não posso assinar nada agora. Não posso parar. É uma nova lei? Uma sentença de morte? Outro dia um conselheiro me procurou com duzentos papéis, tive que assinar duzentas vezes, duzentas vezes minha assinatura num momento em que eu estava lá em casa tomando um vinhozinho e pensando sobre a delicadeza das coisas, sobre o quanto a gente tem que relaxar um pouco mais e dar um tempo interno para as coisas acontecerem, um tempo para poder respirar, ter um pouco de paz interna... E ele me veio com duzentos papéis, duzentas assinaturas... Mas eu consegui pensar sobre a delicadeza, sobre o tempo, assinando duzentas vezes, duzentas vezes o meu nome. Eu comprei um *laptop* para tentar me organizar um pouco porque meu tempo está ficando escasso, sabe? O tempo está ficando muito escasso. Horários, essa coisa boba da vida que a gente vive correndo atrás e não é nada. Na verdade tudo isso é uma grande ilusão e ainda bem que eu sou uma rainha e eu não preciso ficar correndo necessa-

riamente atrás desse tipo de coisa, não é? Meu nome é Elizabeth I. Eu reino por quarenta anos. Quarenta anos reinando em tempos de homens e não de mulheres. Em tempos de muito sangue correndo fácil, meu medo, minha morte terrível. *(Aponta um guarda chuva para Maria Stuart, que está assistindo a cena na sua camarinha. Para Maria:)* Eu também sofri presa numa torre quando eu era jovem, com um machado pendendo sobre a minha cabeça. Ainda bem que agora eu sou uma rainha e eu não preciso necessariamente me preocupar com esse tipo de coisa. Meu nome é Elizabeth e eu reino porque eu sou muito inteligente, eu sou muito inteligente, a minha inteligência é uma coisa fantástica, eu consigo fazer mil articulações ao mesmo tempo. Eu junto lé com cré. Eu consigo sintetizar tudo em mim. A minha memória, a minha memória é o meu trono, minha memória é meu reino. Meu nome é Elizabeth, eu sou o centro da cultura, eu mando em tudo, é tudo meu por aqui. O Estado sou eu! Então, assim que eu conseguir parar um pouquinho... Olha só, já estou conseguindo parar... *(Aos poucos vai parando de correr em círculos e começa a dispor seus objetos, o vestido de Elizabeth e suas sacolas pelo palco.)* Quando eu quero parar eu paro, olhem. Eu vou deixar essas coisas por aqui porque eu sou uma pessoa muito organizada. Vou agora mostrar a agenda para vocês e vou anotar esse compromisso, esse projeto... *(Abre a mochila e vai tirando objeto por objeto. Descreve a utilidade de cada coisa até tirar da bolsa um paninho que mais parece um arco-íris.)* Isso aqui é... Como é o nome disso mesmo? *(Silêncio. Ela chora.)* Não estou querendo menosprezar a presença de vocês aqui não... Mas de repente me deu uma vontade de estar numa prainha. Sabe? Nem precisa ser um paraíso, não. Pode ser aquela prainha com areia cinza, marzinho cinza... Gaivotinhas voando. Cinco dias de férias. Sem fazer absolutamente nada. Com aquele amigo que não fala muito. Que espontaneamente te oferece uma aguinha de côco... Sim, eu quero, eu digo sim, eu aceito... Meu reino por um arco-íris! *(Dá uma choradinha. Deita so-*

*bre a carta de Maria, que até agora estava no centro da arena. Dorme. A cena é interrompida por Maria, que aplaude.)*

### Segundo Movimento.

#### Segunda volta do parafuso. Maria.

*(Elizabeth recolhe rapidamente suas coisas do chão, ajudada pela súdita-assistente, enquanto Maria, aplaudindo, fala:)* Muito bom. Parabéns! Eu gostei da peça. Eu gostei... A vida transbordando de dentro de uma bolsa. Virando elemento cênico. Uma contrarregagem explícita! *(Pega do chão o cabide com o vestido de Elizabeth.)* Eu adoro teatro, adoro, me entretém. Muito bonito. Realmente muito interessante. *(Pausa.)* Eu posso fazer uma crítica construtiva, meu amor? Em primeiro lugar, *(Observa Elizabeth.)* a sua altura... Não convence. Como é que chamam uma atriz assim tão pequenininha para representar uma Rainha? Sua sorte é que você é forte. Deus te abençoou com essa presença que engana o espectador. Adoro mulheres fortes que representam mulheres fortes. *(Leva o vestido de Elizabeth com o cabide até Elizabeth. Com o vestido, força Elizabeth a se sentar. Deixa Elizabeth sentada com o vestido e o cabide.)* Em segundo lugar, eu acho que falta uma linha dramaturgica *(Vê a carta no centro da arena. Um som que pontua).* A trama é simples, a gente é que complica. Elizabeth prendeu sua prima Maria Stuart numa torre. *(Pega um cabide com o vestido Maria na arara de sua camarinha.)* Maria passa quase vinte anos bordando cartas implorando um encontro. *(Veste um braço do vestido de Maria. Enquanto isso, em contraponto, Elizabeth veste um braço do vestido de Elizabeth. Enquanto isso as duas cantam a canção "Mary, me?", de Walter Garcia e Isabel Teixeira.)*

Maria – "If you want me, if you need me..."

Elizabeth – "Who knows?"

Maria – "Oh, if you want me, marry, marry, marry me... Marry, marry, marry me..."

Elizabeth – "Maybe... Maybe... Who knows? Who knows?" *(A cena é interrompida por Elizabeth, que começa a aplaudir.)*



**Terceiro Movimento.**

**Terceira volta do parafuso. Elizabeth.**

Elizabeth – (*Elizabeth aplaude.*) Impressionante! Não consigo parar de aplaudir. Eu não sabia que esse tipo de teatro-instalação, já existia na Era Elizabetana. Parabéns! E que atrizes da sua categoria, menina, já estavam sendo formadas em Inglaterra. (*Olha para a carta de Maria que ainda está no centro da arena.*). Maria. A vida te foi leve. Você bebeu até o fundo a taça dos prazeres e das alegrias, enquanto eu deixei todos os deleites da existência pelos deveres austeros da realeza. Foi sempre o meu desejo que se lesse um dia na minha campa este epitáfio: “Aqui jaz a Rainha Virgem”. (*Vê a carta no centro da arena. Um som que pontua.*)

**Quarto Movimento.**

**Quarta volta do parafuso. Maria.**

Maria – (*Interrompendo. Aplaudes pouco, com muita força.*) Nossa! Fiquei até com medo de você. (*Súdita-Assistente pega um pó de arroz e vai passando no cabelo de Maria. Cabelos imediatamente brancos.*) É engraçado isso, não é? O teatro. Ficar o tempo todo fingindo que é outra pessoa. (*Vai para a arena com o cabide e o vestido de Maria.*) Eu vou trazer pra cena Maria Stuart. (*Pega o vestido e leva para o centro da arena. Em seguida pega a carta e, com o vestido na sua frente, estende a carta para Elizabeth.*) A sombra da sua alma. (*É bruscamente interrompida por Elizabeth. Cai no centro da arena e ali permanece como um cadáver, com a carta na mão.*)

**Cena 2**

**Primeiro movimento.**

**Elizabeth acaba com o teatro.**

Elizabeth – Fim da peça! Luz! Luz! Mais luz! Chega de teatro! Fora! Fora todo mundo! Eu quero ficar sozinha! Como você ousa? Na minha presença, na presença dos meus súditos! Trazer para a cena essa figura! (*Se aproxima de*

*Maria-cadáver no centro da arena. Fala com ela, que não reage nunca.*) Essa coroa fincada na minha cabeça é minha. Só minha. Pensa que eu não sei, pensa que eu não percebo? Como um rato, você se esgueira pelos mínimos vãos dessas paredes à cata do meu cetro, do meu lugar no trono desse país. Você pensa que eu não escuto a conspiração sussurrada enquanto esquento meus travesseiros repletos de ira? Se eu não matar essa sombra, ela me mata. Minha vida é a sua morte! Minha morte, a sua vida! E é a sua cabeça descoroada que vai rolar...

(*Maria estende novamente a carta para Elizabeth, que pega e lê. Espelhamento do final do primeiro ato.*)

**Segundo movimento. A carta.**

Elizabeth – Que pouco é o homem! A que há descido esta rainha. Ela, que com tão soberbas esperanças havia começado. Que mansas palavras usa agora. Ela que sonhava juntar sobre a sua cabeça três coroas! (*Para a platéia. Canta “Perdoai, Milords”, de Lincoln Antonio.*)

Perdoai, milords.

Sangra-me a alma.

Tristeza invade o coração,

Ao ver tão perto o que há de horrível

No destino humano.

(*Fala enquanto o piano continua a canção.*) Deus não pôs no delicado coração da mulher severidade e não é virtude dos reis o ser severo. Que não se diga depois que no meu coração falaram o egoísmo e a paixão, não a misericórdia. Eu não quero ser injusta. Matando-a, mato um pouco da rainha que sou...

**Decisão.**

Eu quero me encontrar com você. Eu vou ao teu encontro!

**Fim do Ato II**

### Ato III Cena 1

#### Primeiro movimento. Liberdade.

Maria – Não compreendo este contraste: ontem anunciavam minha morte; hoje me dão um dia livre. Já ouvi dizer que tiram as cadeias de quem espera a eterna liberdade. *(Canta a canção "Afã da Liberdade, de Lincoln Antonio.)*

Deixa que voe minh'alma liberta!

Que eu seja criança em doce vai e vem.

Oh, nuvens errantes, veleiros do ar,

Feliz de quem possa vos acompanhar.

Será que estou livre da prisão?

Ou o sol é uma ilusão?

Além desses montes avança meu reino na amplitude. Sou menina inocente.

Presa aqui nessa corrente.

*(Elizabeth toca o trompete.)*

Não ouves as trompas na pátria distante o coração? Velhas trompas ressoais.

Pensamento me levai.

#### Segundo movimento. Soam as trombetas.

##### É Elizabeth quem vem.

Maria – *(Elizabeth toca o trompete)* Que som é esse? Quem se aproxima? É Elizabeth! Não! Agora não! Eu estou desprevenida. Por que não me prepararam? Eu quis tanto que essa hora chegasse! Me preparei durante anos, ensaiei as palavras, gravei na memória o que pudesse causar comoção. De repente esqueci tudo, e agora só me resta aflição e dor! Ai de mim! Supliquei a minha perda e, para minha desgraça, fui atendida! Não deveríamos nos encontrar. Um ódio implacável contra ela inflama todo o meu coração, me foge da alma todo bom sentimento, e as fúrias espantosas giram em volta de mim sacudindo as suas cabeleiras de serpentes! Nada pode, nada!, provir de bom do nosso encontro. Seria mais fácil que o fogo vivesse fundido na água ou o tigre e o cordeiro se beijassem amorosamente. Fui cruelmente ultrajada. Entre nós duas não haverá conciliação que valha!

### Cena 2

#### Primeiro movimento. O encontro.

Elizabeth – Que lugar é esse? *(Vê Maria)* Ah. É a Torre. Mandem a comitiva adiante. É grande a multidão nas ruas de Londres. Vamos nos proteger um pouco no sossego deste parque. Meu povo me adora, me festeja com uma alegria idólatra, excessiva: ama-se assim a um deus, não a criatura humana.

Maria – Deus, nesses traços não há sinal de coração!

Elizabeth – Quem é esta Lady? *(Silêncio. Reconhece Maria. Finge surpresa e espanto.)* É Lady Maria?

Maria – *(Consigo mesma)*. A mais esta provação me curvo. Quero esquecer quem eu sou e o que eu sofri.

Elizabeth – O quê?! Quem me falou de uma mulher profundamente humilhada? O que encontro é uma orgulhosa de modo algum dobrada ao infortúnio.

Maria – Impotente altivez de uma alma nobre, longe de mim! Vou me jogar aos pés daquela que me atirou nesta humilhação. *(Dirige-se à rainha. Cai de joelhos diante de Elizabeth)*. Irmã, o céu te escolheu! Sua feliz cabeça foi coroada pela vitória: adoro a divindade que te elevou assim! Mas, minha irmã, seja agora clemente! Me ofereça sua mão soberana e me levante do fundo abatimento que me encontro!

Elizabeth – Esse é o seu lugar, Lady Maria! Eu agradeço o grande favor que o meu Deus me fez, não permitindo que eu viesse a cair aos teus pés como eu estou te vendo agora caída aos meus!

Maria – Pense, Rainha, nas vicissitudes da vida humana! Existem deuses que castigam o orgulho! Você deveria honrar e temer esses terríveis deuses, que me arremessaram aos teus pés. Não profane o nobre sangue real, que corre nas suas veias como nas minhas! Não fique assim, Rainha, abrupta, inacessível como rocha, a que o naufrago perdido, quase sem forças já, tenta se agarrar! Meu tudo, minha vida, meu destino



dependem do que eu disser e das minhas lágrimas: desaperte meu coração para que eu possa mover o seu.

Elizabeth – O que você tem para me dizer, Lady Maria? Você pediu tanto esse encontro. Pois bem, eu estou aqui. Quero esquecer a rainha gravemente ofendida para cumprir com você o compassivo dever de irmã e bondosa te dispensar o consolo de me ver. Embora me exponha à justa crítica descendo a tanto, pois todos aqui sabem que você conspirou para o meu assassinato.

Maria – Por onde devo começar, que palavras devo usar para te comover e não te ofender? Para falar por mim devo te acusar, Rainha, e isto não quero. Você procedeu comigo injustamente. Eu também sou uma rainha e, mesmo assim, você me fez prisioneira. Cheguei aqui buscando asilo e você, menosprezando o direito sagrado das gentes, as leis sagradas da hospitalidade, me jogou num cárcere. Me privaram dos meus amigos e dos meus servidores. Me tiraram tudo o que me era necessário. Depois disso, me puseram diante de um tribunal injurioso! – bem, não vamos mais falar nisso! – Que o esquecimento eterno cubra as crueldades que sofri. Sim! Porei tudo na conta do destino; você não é culpada, nem eu; um espírito mau saiu do abismo para inflamar em nosso peito aquele ódio que desde a infância nos separa. Ele cresceu conosco. Fanáticos insensatos armaram de espada e de punhal mãos que nenhuma de nós havia chamado. Este é o destino fatal dos reis: se divididos, desencadeiam sobre o mundo todas as fúrias da discórdia. Agora não há boca de estranho entre nós. Estamos face a face. Irmã, me diga do que sou acusada para que eu possa me defender.

Elizabeth – A minha boa estrela me preservou de recolher a víbora em meu seio. Não culpe o destino, Lady Maria, antes culpe o seu perverso coração, e a negra, selvagem ambição da sua família. Pois nada de hostil havia entre nós, quando seu tio, esse cardeal ambicioso de todas as coroas, me declarou guerra. Te instigou a se

apropriar do meu brasão real e do meu título de soberana de Inglaterra, a entrar em luta de vida e morte contra mim. De que não lançou mão na louca empresa? A espada das nações, a língua envenenada dos padres da igreja católica, as terríveis armas da piedosa demência. Até em meu reino tentou atear as chamas da revolta. Mas Deus está comigo, e o astuto padre não ganhou a batalha. A ameaça era contra a minha cabeça, – e tomba a vossa!

Maria – Estou nas mãos de Deus. Você não vai usar o seu poder tão cruamente.

Elizabeth – E quem me impediria? Seu tio mostrou aos reis da terra que a paz com os inimigos se faz com guerra. Que me sirva de lição aquela noite de São Bartolomeu, quando morreram milhares de protestantes, tingindo o Sena de sangue! Que representam para mim parentes ou direitos de povos? Pois não rompe a Igreja os laços de todos os deveres? Não consagra a traição, o assassinato de reis? Apenas uso o que os seus padres me ensinaram! Minha única segurança está na força.

Maria – Pode reinar tranqüila! Renuncio a todo direito ao trono. As asas do meu sonho estão quebradas! Nem me atraia mais a grandeza. Você conseguiu o que queria: não sou senão a sombra da Maria que fui. Você me fez o pior: me destruiu na flor dos anos! Agora, minha irmã, ponha fim a todos os meus males: pronuncie a palavra generosa que aqui te trouxe, pois não acredito que tenha vindo para cruelmente zombar de sua vítima. Diga: “Você é livre! Sentiu a mão do meu poder: agora aprenda a honrar minha clemência”. Diga e receberei minha vida e liberdade como um presente. Uma palavra apaga tudo: espero essa palavra. Oh, não demore, Rainha, em me dizer. Ai de você se não a disser! Pois se você não sair daqui magnânima como uma divindade, nem por toda a riqueza desta ilha eu quereria estar diante de você, como você está diante de mim neste momento!

Elizabeth – Você se confessa finalmente vencida? Renunciou às intrigas e enredos cavilosos? Não há mais assassinos pelo caminho? Nenhum

aventureiro ousa mais te oferecer suas tristes armas? Então é mesmo o fim, Lady Maria. Você já não atrai mais ninguém. Pois que insensato vai querer se tornar o seu quarto marido? Todos sabem que você mata tanto os seus maridos como os seus pretendentes!

Maria – Irmã! Irmã! Deus! Deus, me dê moderação!

Elizabeth – Então são estes os encantos que nenhum homem pode encarar impunemente? Junto aos quais nenhuma mulher deve ousar se mostrar? Na verdade custou barata a fama: bastou dar a beleza para todos para em todos achar admirador que a proclamasse!

Maria – (*num brusco movimento de indignação*) Isso é demais!

Elizabeth – Peguei!

Maria – Basta destas doçuras de cordeiro! Torna ao teu céu, paciência, que em silêncio tudo suportas!

Elizabeth – Agora sim, você se mostra como realmente é! Até este ponto da peça você trazia uma máscara escondendo seu rosto.

Maria – Escuta: errei humanamente, infantilmente. O poder me perturbou. Errei, mas nunca às escondidas. Meus pecados e culpas são notórios. Mas eu posso dizer que sou bem melhor que minha fama. E você? Ai, que desgraçada você, no dia que arrancassem o véu da hipocrisia que cobre o ardor da sua oculta sensualidade! Cólera contida faz tanto tempo já, quebra as cadeias. Sai de teu antro! Uma bastarda profanou o trono inglês, o nobre povo da Inglaterra foi por uma astuciosa comediante ludibriado! Se direito houvesse, você é que neste instante aos meus pés rastejaria no pó, pois *eu* sou o rei!

Elizabeth – Agora você perdeu a cabeça! Porque quando a morte atravessar o seu quarto com facas de açougueiro, você vai conhecer a verdade.

#### **Segundo movimento. Alívio de Maria.**

Maria – É como se tivessem me tirado do peito uma montanha! Enterrei o punhal no coração da inimiga!

#### **Terceiro movimento.**

##### **O ódio de Elizabeth redige o fatal papel: a sentença de morte de Maria.**

Elizabeth – Essa mulher é em minha vida a Fúria, gênio do mal posto pelo destino a me perseguir! Onde eu uma alegria, uma esperança plante, ali me salta, tudo me tira. Maria Stuart, eis o nome de todas as desditas que me afrontam! Ela tem que morrer! Desaparecida ela, respirarei desafogada. – Livre como o ar que sopra nas montanhas! (*Fica silenciosa por um momento*). Com que desdém me olhou de cima, como se com o olhar quisesse me fulminar! Mas nada pode contra mim! Tenho em mãos melhores armas (*Súdita-Assistente Elisete traz a carta*). Vou assinar agora a tua sentença de morte. (*Quando vai assinar, pára com a pena no ar*.) Calma, meu coração, eu não posso perder a cabeça agora. Uma mulher indefesa, atacada de todo o lado, em luta contra o mundo, eis o que sou. Escravos são os reis de seu estado e não podem ceder ao sentimento. Maria Stuart é mulher como eu, rainha como eu. Não posso por na minha conta a sua morte. Se eu pudesse encontrar um meio mais inteligente de resolver tudo isso. Uma síntese indolor. Como uma cápsula, uma pílula, uma poção da invisibilidade... (*Decidida, toma de repente o meio da arena. Gesto de arma que aponta para a própria cabeça com uma mão e com a outra aponta para Maria. Gira.*) Mata ela pra mim? Mata? Mata ela pra mim? (*Neste momento a Súdita-Assistente entra com uma balança.*) Porque se das duas rainhas uma tem que morrer para que a outra viva, e não existe solução fora dessa alternativa, faça meu povo a escolha: eu devolvo nas mãos de vocês a majestade. Vox Populi, Vox Dei. Vamos votar. (*A Súdita-Assistente entra em cena trazendo uma balança de ouro. Demonstra para o público a explicação de Elizabeth*) As favas vermelhas representam Maria. Se for ela a escolhida, é sua cabeça que pende poderá, finalmente, rolar. Mas, se escolherem as favas brancas, sou eu, Elizabeth, quem deverá morrer. Eu lavo as minhas mãos.



### Primeira votação.

Votação popular. A Súdita-Assistente passa pelo público um pote, onde cada espectador deposita a fava de sua escolha.

### Fim do Ato III

## Ato IV Cena 1

### Primeiro movimento. Um intervalo que pode mudar o curso da história.

*As duas atrizes estão em suas respectivas camarinhos. Agem como se estivessem num pequeno intervalo (bebem água, descansam um pouquinho, comem uma maçã, chupam uma bala, etc...)*  
*Enquanto a votação ainda está em andamento, começam a conversar.*

Elizabeth – Isso é que é subversão de texto clássico, não é? Agora não está mais nas minhas mãos. Vox populi, vox dei. Sabe o que é? O jargão clássico: a voz do povo é a voz de Deus...

Maria – Quer uma bala?

Elizabeth – O engraçado é que se a minha cabeça rola e a sua é coroada, pode ser que comece a acontecer com a gente aquele efeito “De Volta Para o Futuro”...

Maria – Do que você está falando criatura?

Elizabeth – Do perigo de mudar assim o curso da história. Se a rainha da Inglaterra fosse você, talvez nós não tivéssemos aqui agora. Então, enquanto o povo vota, as nossas imagens iriam progressivamente ficando cada vez menos nítidas...

Maria – Eu vou abrir um vinho, você quer?

Elizabeth – ... e talvez não tivéssemos mais os contornos definidos para chegar até o fim...

Maria – *(Baixo)* Se a minha cabeça for rolar eu vou querer morrer meio bacante.

Elizabeth – Você trouxe um vinho? E um abridor? *(Para a Súdita-Assistente)* Onde estão as favas? *(Súdita-Assistente mostra o pote para Elizabeth)* Engraçado... Esse potinho... e nossos destinos chacoalhando aí dentro... Vox populi.

Maria – *(com a garrafa de vinho na mão)* Às favas!

Elizabeth – E eu não consigo parar de pensar que da mesma forma que mudam as simpatias, o juízo humano é muito variável. Talvez um direito não se prove pela conta dos votos. O mundo de hoje não é mais o de ontem nem será o de amanhã.

Maria – Não depende mais da gente. São favas contadas. Vox dei.

Elizabeth – Mas a gente pode, sim, continuar um pouco mais pra ver se a onda variável do juízo humano varia mesmo. Eu te proponho um segundo encontro para pesar melhor as conseqüências dos nossos atos.

Maria – Eu topo. Quem sabe o nosso destino não muda o curso da história... Comece você, Rainha.

### Segundo Movimento. O segundo encontro.

*Elizabeth – Descrição: noite. Vestida de preto, Elizabeth se esgueira pelo labirinto do jardim, toma uma passagem secreta, sobe uma escada em formato de caracol e penetra pela lareira na cela da Torre, onde num tapetinho sujo, num canto escuro, dormita Maria Stuart...*

*Maria – ...ao lado de uma garrafa de vinho e duas taças que estavam ali por acaso... (“Faz de conta” que dorme)*

Elizabeth *(Para Maria que dorme...)* – Maria.

Maria – *(Acorda, espantada)* Elizabeth? Você trouxe um espelho?

Elizabeth – Olhos nos olhos você é mais encantadora do que sua fama. Mas numa penada, eu posso descabeçar de vez a tua beleza.

Maria – E essa penada vai decidir se a sua vida vai ser de paz ou de martírios.

Elizabeth – Como é que é essa história, quando a gente não tem intenção, quando a gente é levado pelas circunstâncias... O que eu estou querendo saber é: quais são as implicações éticas de tirar a vida de alguém? Eu não estou falando dos juízes deste mundo, eu estou falando do plano espiritual...

Maria – No plano espiritual, aqui se faz, aqui se paga.

Elizabeth – Mas fato de estar acuada me libera ou não do erro? Eu posso acreditar que eu me-



reço uma absolvição? Ou se eu for absolvida agora, eu vou ser condenada mais tarde?

Maria – A justiça terrena reflete sempre, mesmo que por caminhos tortos, a justiça divina. Eu estou pronta para entrar na Eternidade. Pode assinar a minha sentença de morte.

Elizabeth – Eu tremo agora da Maria viva. Mas eu deveria tremer da morta. Você vai sair da cena da decapitação como uma nova deusa da discórdia, inflamando o reino todo em chamas de vingança, afastando de mim o coração do meu povo. Eles vão chorar por você! Morta, não verão mais em você uma inimiga, mas a vítima do meu ciúme e rancor. Eu não quero viver com a tua morte nas minhas costas. Viva você! Eu quero te salvar. *(Elizabeth pega a garrafa de vinho.)*

Maria – Eu não quero que você me salve, é importante para mim morrer, é o meu destino. Já posso ver a cena. Eu vou usar um vestido novo lindo que eu ainda tenho no dia da decapitação... *(Elizabeth saca a rolha da garrafa e serve o vinho nas taças que estão com Maria.)* É a cena do triunfo, e não da morte de uma rainha! Vou morrer como heroína, como Joana d'Arc! Eu quero virar Santa. No meu fim está o meu começo!

Maria – *(Oferecendo uma taça para Elizabeth e ficando com a outra.)* Toma, bebe. O sangue de cristo.

Elizabeth – À vida!

Maria – À morte! *(Bebem.)*

### Terceiro movimento.

#### A bebedeira e a segunda votação.

Maria – Ai... A vida não é bolinho.

Elizabeth – Não... não é bolinho mesmo. Meu público, meu povo, vamos votar novamente! Quem quiser pode mudar de idéia.

Maria – É um segundo turno, facultativo. Mas pode mudar de idéia. Votem em mim, eu quero morrer!

Elizabeth – Votem em mim, eu não quero matar!

Maria – Eu quero virar Santa! Cadê meu coração?

Elizabeth – Eu quero o perdão! Eu perdi a cabeça?

Maria – Eu subi a Consolação arrastando o coração carregado, atravessei a Paulista e agora...

Elizabeth – Eu não quero te matar.

Maria – Perdi meu coração? Eu tinha trazido um coração do açogue. Num saco... Espremido.

Elizabeth – Help, I need somebody, help.

Maria – Você vai me matar! Mata!

Elizabeth – Eu sou amor. Eu sou amor da cabeça aos pés.

Maria – Eu quero virar santa, quero que as pessoas se ajoelhem, rastejem, chorem, rezem por mim, “Mariinha, Mariinha”.

Elizabeth – *(Se ajoelha.)* Mariinha! Eu peço que eu seja julgada como uma enviada divina, que mata para não morrer.

Maria – Enviada, viada divina.

Elizabeth – Eu não posso matar assim uma rainha.

Maria – Mas pode parir uma santa. Eu sou uma Puta Santa. Cade o meu coração sagrado?

Elizabeth – O seu coração sangrando...

Maria – O coração não se basta a si mesmo.

Elizabeth – Meu coração é tão sem dureza.

Maria – Coração de rainha! Mata! Mata!

Elizabeth – Mas alguém aqui já leu aquele livro “A Conquista Psicológica do Mal”?

Maria – Alguém já leu essa maravilha literária?

Elizabeth – Esse livro diz que só pode perdoar quem já pecou.

Maria – Quem já pecou!

Elizabeth – Eu já pequei.

Maria – Pequei sim.

Elizabeth – Então eu perdôo. Eu perdôo todos vocês. E mais...

Maria – E mais...

Elizabeth – Eu perdôo...

Maria – Eu perdôo...

Elizabeth – O futuro.

Maria – O futuro de vocês depende de nossas ações passadas.

Elizabeth – Eu vou dizer pela última vez porque nós não temos muito tempo não. Eu não quero mais o trono da Inglaterra.

Maria – Elle ne veut plus la couroune d'Angleterre.



Elizabeth – Eu quero ficar quietinha no meu canto...

Maria – She wants to be alone.

Elizabeth – ... pacificar meu coração.

Maria – São tantas línguas que a gente fala, não é?

Elizabeth – My heart ... My gear belongs to daddy...

Maria – Tem tanta língua em mim, falando, lambendo...

Elizabeth – Você me confunde. Você está conspirando contra mim?

Maria – Eu conspirei... Ai, eu conspirei... Eu conspirei, eu conspirei, eu conspirei, eu pirei, eu pirei...

Elizabeth – Você está conspirando. Bebe. Bebe. Trepa. Bebe. Fode. Bebe. Bebe. Fuma. Bebe. Fuma. Trepa. Conspira. Bebe. Fuma. Trepa. Conquista.

Maria – Eu explodi meu coração.

Elizabeth – Minha prima...

Maria – Minha quase irmã. Lili? Lili? Écoute ça que je dis, Lili. Lili? Tá escutando o que tô falando?

Elizabeth – Listen to me. Eu quero que você saiba...

Maria – ...que nem mesmo em intenção atentei contra a vida de uma rainha.

Elizabeth – Eu sou a rainha da Inglaterra.

Maria – Eu sou a rainha da Escócia, eu sou a rainha da França, eu sou a rainha da Inglaterra. Eu sou a rainha da Escócia, eu sou a rainha da França, eu sou a rainha da Inglaterra. Eu sou a rainha da terra. Eu sou a rainha do Brasil, eu sou a Miss Brasil. Eu sou a rainha da bateria. Eu sou a rainha da Inglaterra. Eu sou a rainha da vela!

Elizabeth – Adeus, adeus, linda cabecinha, adeus para sempre... Não me faltarão lágrimas para te chorar.

Maria – Adieu France, adieu. Adeus e para sempre, adeus. Adieu. Não me faltarão lágrimas para te chorar.

Elizabeth – Adeus meu povo, adeus coroa.

Maria – Adieu mon coeur.

Elizabeth e Maria – EU SOU O REI!!!!!!!  
(*Brindam e bebem novamente.*)

## Ato V

### Primeiro movimento. A Espera.

*Silêncio. As favas começam a ser pesadas. Lentamente.*

Maria – Nada a fazer.

Elizabeth – E se a gente se arrependesse?

Maria – Do que?

*Silêncio. Só se escuta o barulho das favas.*

Maria – O que a gente vai fazer agora?

Elizabeth – Esperar.

Maria – Sim, mas enquanto a gente espera.

Elizabeth – Que tal se a gente se enforcasse?

Maria – O começo está no fim.

*Silêncio. A pesagem deverá estar terminando.*

Elizabeth – Sou eu quem vai morrer.

Maria – Não. Sou eu. Eu sinto.

*As favas foram pesadas. O veredito é dado pela balança.*

### Segundo Movimento. A morte.

#### Primeira versão: Elizabeth ganha a votação.

Elizabeth – (*Canta a “Canção Final de Elizabeth”, de Lincoln Antonio e Walter Garcia.*)

A vontade do povo muda. Nas viradas do acaso. Nada no mundo é eterno. Tudo acaba. Tem seu prazo. Onde a alegria mais canta e a dor mais deplora, num instante a dor canta, e a alegria chora. É hora de acabar o meu tormento, é hora de cantar a liberdade. Se meu pensamento é livre na noite, minh'alma voa além do sofrimento. Minh'alma voa na tranqüilidade. Minh'alma voa na tranqüilidade. Minh'alma voa na tranqüilidade.

(*Maria leva Elizabeth para o alvo do machado.*

*Maria vai matar e hesita.*)

Maria – Não me faltarão lágrimas para te chorar.

Elizabeth – Te perdôo de todo o coração.

*Maria mata Elizabeth.*

#### Segunda versão: Maria ganha a votação.

*Maria vai para o centro da arena.*

Maria (*Canta a “Canção Final de Maria”, de Lincoln Antonio e Walter Garcia*) – A vida é milagre, o espaço infinito. O espaço é milagre, o tempo infinito. O tempo é milagre, memória é



milagre. Consciência é milagre. Tudo é milagre. Até a morte. Bendita seja a morte, maior de todos os milagres. Bendita seja a morte, juiz saudável, imparcial. A vida é milagre o espaço, infinito. O espaço é milagre, o tempo infinito. O tempo é milagre, a vida infinito. A vida é milagre, memória infinito. *(Fim da canção.)*

*Elizabeth põe a cabeça de Maria sob o machado. Vai matar e hesita.*

Maria – Te perdôo de todo o coração.

*Elizabeth mata Maria.*

Elizabeth – Não me faltarão lágrimas para te chorar.

**Terceira versão: Elizabeth ganha a votação.**

**E vira o jogo.**

Elizabeth – *(Canta a “Canção Final de Elizabeth”, de Lincoln Antonio e Walter Garcia.)*

A vontade do povo muda. Nas viradas do acaso. Nada no mundo é eterno. Tudo acaba. Tem seu prazo. Onde a alegria mais canta e a dor mais deplora, num instante a dor canta, e a alegria chora. É hora de acabar o meu tormento, é hora de cantar a liberdade. Se meu pensamento é livre na noite, minh'alma voa além do sofrimento. Minh'alma voa na tranqüilidade. Minh'alma voa na tranqüilidade. Minh'alma voa na tranqüilidade.

*(Maria leva Elizabeth para o alvo do machado. Maria vai matar e hesita. Elizabeth vira o jogo. Se levanta e põe a cabeça de Maria sob o machado.)*

Maria – Não me faltarão lágrimas para te chorar.

Elizabeth – Te perdôo de todo o coração.

*Elizabeth mata Maria.*

**Quarta versão: Maria ganha a votação.**

**E vira o jogo.**

*Maria vai para o centro da arena.*

Maria *(Canta a “Canção Final de Maria”, de Lincoln Antonio e Walter Garcia)* – A vida é milagre, o espaço infinito. O espaço é milagre, o tempo infinito. O tempo é milagre, memória é milagre. Consciência é milagre. Tudo é milagre.

Até a morte. Bendita seja a morte, maior de todos os milagres. Bendita seja a morte, juiz saudável, imparcial. A vida é milagre o espaço, infinito. O espaço é milagre, o tempo infinito. O tempo é milagre, a vida infinito. A vida é milagre, memória infinito. *(Fim da canção.)*

*(Elizabeth põe a cabeça de Maria sob o machado. Vai matar e hesita. Maria vira o jogo. Se levanta e põe a cabeça de Elizabeth sob o machado.)*

Elizabeth – Te perdôo de todo o coração.

*Maria mata Elizabeth.*

Maria – Não me faltarão lágrimas para te chorar.

**FIM**

Obs: Esta peça tem cinco finais diferentes. Aqui só apresentamos quatro versões. Para o leitor resta a responsabilidade de imaginar o último desfecho.



## Sobre a música em Rainha[(s)]

Lincoln Antonio

A música de *Rainha[(s)]* é composta de nove canções e quatro temas instrumentais. Duas vezes, um piano e um trompete executam a música ao vivo. As canções são mais fechadas como forma, mas seu acompanhamento e os temas instrumentais são bem livres, bastante improvisados em certos momentos. Foi esse o motivo que nos levou a publicar as partituras apenas com a melodia cifrada, sem indicações do acompanhamento, para não trair o espírito original desta música de cena. É preciso sempre, de alguma maneira, recriá-las. As próprias melodias sugerem seu acompanhamento e são pontos de partida para a *performance* musical.

As canções surgiram primeiramente a partir da tradução de Manuel Bandeira do texto original de Schiller. De poeta para poeta. A tradução de Bandeira é toda metrificada, em decassílabos, mas sem rimas. Embora o verso longo seja menos comum na canção brasileira, a tradução não deixa de revelar a extrema musicalidade de Bandeira, que se expressa no ritmo e nas rimas internas. Foi da experiência de tornar cantável esta tradução – recortando, colando e reeditando os versos – que as primeiras idéias temáticas se consolidaram e acabaram por nor-tear todo o desenvolvimento musical da peça.

O compositor Walter Garcia colaborou na feitura de parte das canções, sobretudo nas duas canções finais que nascem de necessidades dramáticas do espetáculo, já distantes do texto original. Nestas canções ecoam as vozes de Hamlet (“onde a alegria mais canta...”) e novamente Manuel Bandeira, o poeta de *Tema e voltas* e *Preparação para a morte*.

Algumas canções de John Dowland, compositor inglês contemporâneo das “rainhas”, foram cantadas nos primeiros ensaios como preparação e aquecimento. A atmosfera destas canções, carregadas de melancolia e geralmente a duas vozes, também nos serviu como estímulo sonoro e Dowland acabou nos “emprestando” trechos melódicos na canção cantada por Elizabeth no final do 2º Ato.

Por fim surge a colaboração do compositor Manuel Pessoa, em cena ao piano, acompanhando o canto das atrizes, desenvolvendo e ampliando o material musical, especialmente no 4º ato onde toda a cena da segunda votação transcorre através de sua improvisação.

Aí está a música de *Rainha[(s)]*, resultado da colaboração entre três compositores em conjunto com o elenco e direção para a construção de uma música de cena em parte composta, em parte improvisada.

---

Lincoln Antônio é músico.

# TEMA DO CORAÇÃO

Lincoln Antonio

♩ = 46

**F#m6 C/G D#m7(b5) C A7 Em**

**A7 F#m6 C/G D#m7(b5) C D#m7(b5)**

**Em F#m6 Em C D#m7(b5) C**

**D#m7(b5) Em A7 F#m6 C/G F#m6**

**C/G**



Sobre a música em Rainha[s]

# ERREI SIM

Lincoln Antonio e  
Isabel Teixeira

♩ = 54

**C#m** **Bm6** **F#m6**

E - rrei sim Na pe - le, na car - ne No san - gue, nas vei - as E -

**C#m** **Bm6** **F#m6**

rrei sim A mão que diz ma - ta A bo - ca que man - da E -

**Em** **C** **D#m7(65)** **A** **B**

rrei sim Ar - den - do ar - den - do em cha - mas Bom - ban - doo co - ra -

**C#m** **Bm6** **C#m** **Dmaj7(65)** **E7/9**

ção, e - rrei São lou - cu - ras de a - mor Sou cri - an - ça por fa -

**Dm6/F** **Em** **Dm6** **Em** **Dm6**

vor De - pre - ssa, é tar - de De - pre - ssa, é tar - de

# CONDENADA

Lincoln Antonio

♩ = 50

**A** **D#m7(5)** *ten.*  
Bel: Con - de - na - da! Geo: Qua - ren - tae dois ju - í - zes de - cla - ra - ram

**A** **D#m7(5)** *ten.*  
Bel: Con - de - na - da! Geo: A Câ - ma - ra dos Lor - des ea dos Co - muns

**A** **D#m7(5)**  
Geo: A ci - da - de de Lon - dres Bel: In - sis - te vi - va - men - te pe - la pron - tae - xe - cu -

**A7** **C#m** **F#7** **C#m**  
ção Geo: Só a Ra - i - nha he - si - ta En - tre a cle - mên - cia, ea as -

**F#7** **C#m** **F#7** **C#m** **F#7**  
tú - cia *piano*



# CONTACT TANGO

Lincoln Antonio

INTRO

Musical notation for the Intro section, featuring a treble and bass clef with various notes and rests.

♩ = 140

Musical notation for section A, marked with a circled 'A'.

(B)

Musical notation for section B, marked with a circled 'B'.

Musical notation for section C, marked with a circled 'C'.

(C)

Musical notation for section C, marked with a circled 'C'.

Musical notation for section C, marked with a circled 'C'.

# AUDÁCIA

como recitativo

Lincoln Antonio

♩ = 75

Maria

Elizabeth

A C A

U - sea vi - o - lên - cia Sa - cri - fi - que - me a su - a se - gu -

U - soa vi - o - lên - cia

C D#m7(♯5) A

ran - ça Ma - te - me Mas con - fe - sse que tal

Mi - nha se - gu - ran - ça Ma - to Jus -

C A D#m7(♯5)

a - to Se - rá não de jus - ti - ça, mas de for - ça

ti - ça se - ja fei - ta for - ça

C#m Cmaj7(+5) D#m7(♯5)

En - tre mim e a In - gla - te - rra se tra - ta de for - ça



# MARY, ME ?

Walter Garcia e  
Isabel Teixeira

♩ = 80

1a voz

Who knows? If you want me, if you need me Who

2a voz

Who knows? Ma - rry ma-rry ma-rry me Ma - rry ma-rry ma-rry

knows... Oh , if you want me... Ma - rry ma-rry ma-rry me...

me May be... May be... Who knows... If you

Ma - rry ma-rry ma-rry me... May be... May be... Who

want me, if you need me Who knows... Who

knows... Who knows...

knows... Who knows... Who knows...



# QUE POUCO É O HOMEM

Lincoln Antonio

♩ = 70

*piano*

Elizabeth Per - do - ai, Mi - lords San - gra - mea al - ma

Tris - te - zain - va - deo co - ra - ção Ao ver tão per - too

quehá deho - rri - vel no des - ti - nohu - ma - no *piano*



Sobre a música em Rainha[s]

## AFÃ DA LIBERDADE

Lincoln Antonio

♩ = 102

**C#m Bm<sup>6</sup> Em Dm<sup>6</sup> Gm Fm<sup>6</sup>**

Maria: Dei-xa que vo-e mi-nhal-ma-li-ber-ta Queeu se-ja cri-an-ça em

**A#m G#m<sup>6</sup> C#m Bm<sup>6</sup> Em Dm<sup>6</sup>**

do-ce va-i-vém Ó nu-vens e-rran-tes, ve-lei-ros do ar Fe-

**Gm Fm<sup>6</sup> A#m G#m<sup>6</sup> C#m**

liz de quem po-ssa vos a-com-pa-nhar Se-rá quees-tou li-vre da pri

**Dmaj<sup>7(♯5)</sup> E<sup>7</sup> D#m<sup>7(♯5)</sup> C D#m<sup>7(♯5)</sup> A**

-são Ou o sol u-mai-lu-são A-lém de-sses mon-tes a-van-ça meu

**B C#m C#m Dmaj<sup>7(♯5)</sup> E<sup>7</sup> D#m<sup>7(♯5)</sup>**

rei-no naam-pli-dão Sou me-ni-na i-no-cente Pre-saa-qui ne-ssa co-rrente

**C D#m<sup>7(♯5)</sup> C D#m<sup>7(♯5)</sup> A B**

Não ou-ves as trom-pas na pá-tria-dis-tan-teo co-ra-

**C#m Dmaj<sup>7(♯5)</sup> E<sup>7</sup> D#m<sup>7(♯5)</sup> C**

ção Ve-lhas trom-pas re-ssó-ais Pen-sa-men-to me le-vai

## CANÇÃO FINAL DE ELIZABETH

Lincoln Antonio e  
Walter Garcia

♩ = 90

The musical score is written in 2/4 time with a tempo of 90. It consists of eight staves of music, each with a key signature and a set of lyrics. The chords are indicated above the notes. The lyrics are in Portuguese and describe a scene of suffering and liberation.

**Am**  
A von - ta - de do po - vo mu - da Nas vi -

**D Am C**  
ra - das do a - ca - so Na - da no mun - do é e - ter - no Tu - doa -

**Bm A7/C# Dm Gm/D**  
ca - ba, tem seu pra - zo On - dea - le - gri - a mais

**A7/C# C#dim Bb C Am**  
can - ta ea dor mais de - plo - ra Num ins - tan - tea dor

**Fmaj7(+5) D7/F# E/G# Dm**  
can - ta Eaa - le - gri - a cho - ra É ho - ra dea - ca - bar o meu tor -

**C D7/F# E/G#**  
men - to É ho - ra de can - tar a li - ber - da - de Se

**Am F Dm**  
meu pen - sa - men - to é li - vre na noi - te Mi - nhal - ma vo - aa - lém do so - fri -

**C Em/G Am**  
men - to Mi - nhal - ma vo - a na tran - qui - li - da - de



Sobre a música em Rainha(s)

## CANÇÃO FINAL DE MARIA

Lincoln Antonio e  
Walter Garcia

♩ = 94

**A** **C**

A vi - daé mi - la - greo es - pa - çoin - fi - ni - to Qes -

**A** **C**

pa - çocé mi - la - gre o tem - poin - fi - ni - to O

**Em** **A7**

tem - poé mi - la - gre Me - mó - riaé mi - la - gre Cons -

**C#m** **F#7** **G**

ciên - ciaé mi - la - gre Tu - doé mi - la - gre

**B7** **E** 1. 2.

A - té a mor - te A Ben -

**C** **B** **A** **C#m**

di - ta se - jaa mor - te Mai - or de to - dos os mi - la - gres Ben -

**C** **B** **C** **B**

di - ta se - jaa mor - te Ju - iz sau - dá - vel, im - par - ci - al A





## Ficha técnica

### **Direção**

Cibele Forjaz

### **Dramaturgia**

Isabel Teixeira, Georgette Fadel e Cibele Forjaz

### **Elenco**

Georgette Fadel e Isabel Teixeira

### **Cenografia e Figurinos**

Simone Mina

### **Luz e operação**

Alessandra Domingues

### **Direção Musical**

Lincoln Antonio

### **Preparação Corporal**

Tica Lemos

### **Direção de Cena**

Elisete Jeremias

### **Assistência de Direção**

Luaa Gabanini

### **Estagiária de direção**

Paula Bellaguarda

### **Assistentes de cenografia e objetos**

Carolina Bertier e Patricia Brito

### **Assistente de figurinos**

Patricia Brito

### **Assistente de cenografia – 1ª Fase**

Vanessa Poitena





sala preta

**Costureira**

Judite de Lima

**Bordados**

Mariana Lombardo

**Visagismo**

Emerson Murad

**Assistente de visagismo**

Anderson Bbatista

**Marcenaria**

Divaldo Tomé da Silva

**Cenotécnico**

Erik Klaus

**Pintores**

Edson Aureliano Pereira  
e Emerson Rodrigues da Mata

**Assistente de Luz e operação**

Mauricio Shirakawa

**Músicas**

Lincoln Antonio, Manuel Pessoa,  
Walter Garcia e John Dowland

**Canção “Leve, Meu Coração”**

Celso Sim

**Voz**

Celso Sim e Maria Alice Vergueiro

**Piano**

Manuel Pessoa

**Gravado no Estúdio Outra Margem,**  
por Paulo Lepetit

**Historiador**

Rodrigo Bonciani

**Direção de arte**

Simone Mina



Ficha técnica

**Imagens (vídeo)**

Roberto Setton, Alessandra Domingues  
e Luaa Gabanini

**Fotos**

Roberto Setton

**Programação Visual**

Fernando Bononi

**Estagiário de Programação Visual**

Gabriel Satyahari

**Assessoria de Imprensa**

Frederico de Paula

**Produção Executiva – 1ª Fase**

Mariana Trench

**Produção Executiva**

Carolina Flor Ga Azcuaga

**Direção de Produção**

Henrique Mariano

**Idealização do Projeto**

Isabel Teixeira

